



## A INFLUÊNCIA DA DANÇA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA MENTAL/INTELECTUAL

Monalisa Lucena de Almeida Oliveira

*Universidade Federal de Campina Grande*

*monalucena93@gmail.com*

Marília Pereira Dutra

*Universidade Federal de Campina Grande*

*mdutraccg@gmail.com*

Camilla Mendes de Melo Silva

*Universidade Federal de Campina Grande*

*camillamendesmelo@gmail.com*

Betânia Maria Oliveira de Amorim

*Universidade Federal de Campina Grande*

*Betania\_maria@yahoo.com.br*

**Resumo do artigo:** A dança reduz os fatores de risco de várias doenças, como as cardiovasculares, os distúrbios do aparelho locomotor e até depressão e ansiedade. Entre os aspectos terapêuticos que esta atividade pode propiciar estão à melhora do humor, a diminuição do estresse, a inclusão, o equilíbrio e a interação com outros por estarem inseridos em um grupo. O objetivo deste estudo é discutir a influência benéfica da dança em sujeitos portadores de deficiência mental/intelectual em idade escolar. Para isto foi realizada uma análise sobre vários conceitos e conhecedores do assunto sob uma perspectiva da influência da dança em crianças e adolescentes com deficiência mental/intelectual e como ela é uma ferramenta de inserção social, promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida, na qual cada um estabelece uma relação diferenciada com essa prática, devido a sua subjetividade. Deste modo, a dança é um meio de tornar indivíduos portadores destas doenças independentes na comunidade, mostrando que são capazes de realizar diversas atividades e que podem viver como qualquer pessoa. Não obstante, a maioria das escolas não estão preparadas para oferecer o exercício de dança para estes alunos, e as que tentam acabam esbarrando no tradicionalismo do ensino, por outro lado as que conseguem realizar tal atividade possuem uma grande melhora no desenvolvimento destes jovens. Neste contexto, a psicologia atua como mediadora na melhora da autoestima e autoconfiança dos sujeitos, levando em consideração sua subjetividade.

Palavras-chave: Deficiência Mental/Intelectual, Dança, Escola, Desenvolvimento.

### INTRODUÇÃO

O termo deficiência mental/intelectual (DMI) possui certa confusão sobre o seu verdadeiro sentido, pois o diagnóstico envolve fatores biomédicos comportamentais, sociais e educacionais, levando em conta o comportamento adaptativo das pessoas. Esta confusão cria dúvidas, medo e desconhecimento sobre a realidade das pessoas portadoras de DMI para aquelas que não possuem



deficiências. Ao falarmos sobre os portadores de deficiência mental, na maioria das vezes pensamos nas suas limitações e dificuldades, contudo esta realidade vem mudando e eles cada vez mais mostram sua capacidade de poder fazer qualquer coisa, de ser capaz e ser incluído na sociedade. (FERNANDES, 2012).

No Brasil, existe um grande número de deficientes físicos e mentais, para os quais a maioria das escolas não está preparada para recebê-los, devido a uma série de problemas que envolvem o sistema educacional no país, como por exemplo, a não formação adequada de professores para lidar com estudantes com alguma necessidade especial, seja ela mental e/ou física, além da falta de recursos e de instrumentos que potencializem o entendimento destes estudantes, o que acaba por diversas vezes negligenciando-os (MACHADO, 2012).

No entanto, existem várias atividades que fazem o sujeito com DMI ser incluído na sociedade e se sentir bem em um grupo, como é o caso das atividades artísticas, como pintura, teatro, artesanato, música e a que vamos nos ater neste estudo: a dança. Esta atividade traz muitos benefícios para melhorar a qualidade de vida dos deficientes mentais/intelectuais, pois segundo Fernandes (2012) trabalha o corpo, a expressão, o sentimento, valorização dos indivíduos através de uma linguagem corporal própria, de modo que os sujeitos possam comunicar-se com o público juntamente com os gestos, os sons, os movimentos e os ritmos que a dança oferece.

Sendo assim, adentrando as paredes da escola e instituições que recebem pessoas especiais, os profissionais de educação física, os psicólogos, os terapeutas e os pais podem dialogar como a dança influencia a vida dos sujeitos, de modo que de acordo com Thon e Camargo (2012, p. 08), todos conheçam o “processo individual de cada um e auxiliando no seu desenvolvimento, não olhando somente um corpo estético e sim um delicado e grande complexo de energias emocionais, físicas e psicológicas”.

## DEFICIÊNCIA MENTAL/INTELECTUAL

No decorrer de vários anos o termo deficiência mental/intelectual (DMI) sofreu diversas modificações, isto porque a doença é bastante complexa sendo caracterizada pelo desenvolvimento intelectual insuficiente. O seu diagnóstico envolve fatores biomédicos comportamentais, sociais e educacionais, além de levar em conta o comportamento adaptativo das pessoas. O portador de DMI possui um desenvolvimento mais lento em relação a outras pessoas, problemas de atenção seletiva e de auto regulação de condutas (FERNANDES, 2012).



Freud e Lacan, grandes autores da psicanálise, trazem importantes contribuições sobre diversas patologias, entre estas, a deficiência mental. Para Freud, ela é caracterizada por limitações de determinadas atividades causando um bloqueio em algumas funções, como por exemplo, o pensamento. Já na compreensão de Lacan podemos falar em debilidade, quando o sujeito tem uma posição débil, a qual recusa adquirir qualquer tipo de saber (BRASIL, MEC, 2007).

A Associação Americana de Retardo Mental (AAMR) propôs por diversas vezes o significado de retardo mental, o qual estava sempre associado ao desenvolvimento intelectual por meio de testes que mediam a inteligência dos indivíduos, e com o passar dos anos este significado não estava mais condizendo com a realidade, então, no ano de 2002, a AAMR trouxe uma definição mais complexa, a qual a avaliação se dá por fatores comportamentais, sensoriais e motores (ALMEIDA, 2004). Contudo, somente em 2006 foi que a AAMR, que posteriormente mudou o nome para Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (AAIDD) trata que:

[...] não se deve usar mais a subdivisão terminológica de Deficiência Mental leve, moderada, grave ou profunda para designar os graus de deficiência. Considera-se também que a conceituação da DMI não pode basear-se somente em resultados de testes de inteligência, expressos por meios de Quociente de Inteligência (QI), devendo levar em consideração além do QI, as dificuldades do comportamento adaptativo, considerando também o período do desenvolvimento que esta ocorreu. (antes dos 18 anos). (FERNANDES, 2012, p. 10).

Sendo assim, percebe-se que o diagnóstico de DMI, não pode ser realizado por testes que medem a inteligência ou por causas orgânicas, como também não pode ser esclarecido por supostas categorias de nível intelectual. Neste sentido, esta patologia ainda é uma interrogação e objeto de investigação de várias áreas de conhecimento, como a psicologia, sociologia, psiquiatria e antropologia (BRASIL, MEC, 2007), e por estes fatores é que acarreta um desconhecimento de como lidar com pessoas portadoras de deficiência mental/intelectual, o que leva, na maioria das vezes em atitudes discriminatórias.

## A DANÇA COMO TERAPIA

Segundo Maciel et al (2009), a dança não deve ser vista apenas como uma arte feita por dançarinos, mas sim como uma terapia, a qual influencia na formação corporal de cada um, levando em consideração as individualidades e as limitações, pois todos os corpos possuem diferenças.

Podendo estar enquadrada nas psicoterapias corporais, as quais conforme Thon e Camargo (2012), fornece aos profissionais da dança maneiras diversas de trabalhar a subjetividade, de modo que cada pessoa compreenda os seus processos individuais e o seu desenvolvimento como algo delicado e cheio de energias emocionais, físicas, psicológicas e não apenas um corpo estético.

A dança pode ser utilizada como uma atividade terapêutica em diversos ambientes, como clínicas, hospitais e escolas, e tanto pode ser realizada em grupo como individualmente, mostrando informações sobre emoções internas e processos mentais. Segundo Wolberg (1988) citado por Lima et al (2011), além de soltar as emoções, a dança também revela atitudes e conflitos pessoais, pois através dela o corpo passa a ser um meio de comunicação não verbal, podendo falar apenas com os movimentos.

A dança como terapia proporciona aumento da autoestima, da saúde corporal, da autoconsciência, além de uma ampliação da consciência corporal e de posse do sujeito com seu corpo. Neste sentido, usufruindo da ideia que a dança pertence a todos e pode ser utilizada no meio educacional para o desenvolvimento de crianças e adolescentes com DMI.

De acordo com Lima et al (2011, p. 46), pessoas que utilizam da dança como terapia relatam que sofreram mudanças positivas em sua vida, tais como: “aumento da alegria de viver, ser mais feliz, melhora da timidez, um fortalecimento da autoconfiança, maior consciência corporal e de potencialidades, melhor participação no ambiente e de formas de conversar.”

Nesta perspectiva, ao inserir-se no contexto da dança e das atividades artísticas como um todo, o psicólogo pode atuar nos processos de ensino, educação, socialização, no desenvolvimento e na análise do comportamento recreativo das crianças e adolescentes com DMI, ajudando-os a manter a integralidade do sujeito, estimulando sua autoestima e seu autoconceito (RUBIO,1999).

## O ENSINO DA DANÇA NAS ESCOLAS

A dança nas escolas é algo pouco corriqueiro, pois a maioria das escolas prefere manter o ensino tradicional e não estão adeptas a incluir a dança como uma atividade importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, talvez isto ocorra pelo desconhecimento desta atividade lúdica importante. Assim, Marques (1997), afirma que a dança “assusta” gestores e professores que preferem a didática tradicional. Deste modo, frequentemente os educadores não sabem quais os benefícios que esta atividade pode proporcionar e o bem que ela pode fazer na vida de sujeitos em fase de desenvolvimento escolar.



De acordo com Marques (1997), quando os diretores aceitam o ensino da dança nas escolas, eles acham de forma errônea que é apenas um instrumento para conter os alunos mais “bagunceiros” e de ajudar eles a se “acalmarem”, ou seja, ela serve para que os alunos esqueçam os problemas. Contrapondo esta compreensão, o autor coloca que é papel da escola construir conhecimento através da dança com seus alunos, pois as atividades artístico-culturais são elementos essenciais para a educação do ser social.

Para que o professor consiga trabalhar a dança e as artes em geral, de acordo com Arce e Dácio (2007) é necessário entender as fases de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, abrangendo as possibilidades de crescimento, só assim ele compreende até que ponto uma criança ou um adolescente pode se envolver em uma determinada atividade artística, compreendendo também as limitações de um sujeito com DMI e trabalhando adequadamente dentro da subjetividade de cada um.

Para fazer com que crianças e adolescentes consigam participar deste processo de dança-educação é necessário que educadores, psicoterapeutas e responsáveis tenham certo cuidado com as limitações e as competências de cada um, dando total credibilidade as funções produtivas deles. Deste modo:

É necessário estar sensível para a condição de aprendizagem da pessoa com DMI, olhar também, para a singularidade de cada sujeito, que é resultante de sua história de vida, uma história das relações sociais que o constituíram e constituem. A autoestima dessas pessoas precisa ser alçada das profundezas da descrença que tem de si mesmas e da autovalorização (FERNANDES, 2012, p. 17).

Sendo assim, o professor deve ser um intermediador no processo dança/arte, para que os sujeitos desfrutem do prazer de sentir seu corpo em movimento e da interação dele com sua mente, pois a dança proporciona a integração entre o corpo e a mente, estimulando a criatividade e a memorização. Para isto, é importante que as aulas possuam um caráter lúdico e dinâmico e ao mesmo tempo é necessário que seja trabalhados itens básicos com exigências técnicas para que cada vez mais o sujeito conheça o seu próprio corpo (ARCE E DÁCIO, 2007).

De acordo com Maia e Boff (2008), para se trabalhar com crianças e adolescentes no ambiente escolar, a dança deve ser uma atividade educacional recreativa, de modo que os sujeitos combinem a saúde, a autoconfiança e o equilíbrio emocional. Este é um método que não se preocupa com a técnica em si, mas sim oferece que os sujeitos insiram os exercícios da dança em seu dia-a-dia possibilitando que eles possuam liberdade de movimentos.



É fundamental que haja não só no âmbito escolar, mas também fora dos muros da escola, além da inclusão de pessoas com deficiência mental/intelectual, a participação delas na sociedade como todo, sendo elas sujeitos de opinião e de atitudes, possuindo o poder de ajudar na comunidade que fazem parte.

## O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DMI ATRAVÉS DA DANÇA

Muitas pessoas que não possuem nenhum tipo de DMI acreditam que aquelas que possuem são incapacitadas, limitadas e que nunca vão conseguir realizar uma atividade como a dança. Em contrapartida, outras pessoas acreditam que os portadores de deficiência mental têm sim capacidades de realizarem coisas novas e diferentes e devem ser estimuladas a isso, pois ajuda no desenvolvimento psicomotor e mostra à sociedade a superação deles. Deste modo, é possível notar que as ações artístico-pedagógicas são de suma importância para o reconhecimento de pessoas deficientes e na sua relação com o mundo (SANTOS e COUTINHO, 2008).

A dança traz inúmeros benefícios para melhorar a qualidade de vida dos deficientes mentais/intelectuais, pois de acordo com Fernandes (2012) trabalha o corpo, a expressão, o sentimento, valorização dos indivíduos através de uma linguagem corporal própria, de modo que os sujeitos possam comunicar-se com o público juntamente com os gestos, os sons, os movimentos e os ritmos, estimulando desta forma a interação entre as pessoas. A dança também oferece melhora na autoestima, autovalorização e autoconfiança (MACIEL et al, 2009).

Assim como as demais atividades artísticas, ela envolve o domínio psicomotor dos sujeitos, pois age como um estimulador da integração do meio interno com o meio externo, permitindo que eles trabalhem com os sentimentos e com a percepção do corpo para que este se movimente no ritmo da música e de acordo com as solicitações da sua subjetividade (MACHADO, 2012).

Segundo Fernandes (2012) esta atividade ajuda pessoas com DMI não só para elas adquirirem habilidades, mas também a retomar a autoestima e o seu equilíbrio emocional, aprimorando os sentidos da percepção, interagindo com o mundo e saindo de uma zona inerte do seu próprio corpo, desenvolvendo a consciência de si e do seu corpo para que os movimentos na dança possam expressar os seus sentimentos e sua alma.

Além de todos estes benefícios, ela caracteriza-se por ser uma atividade realizada em grupo e, portanto quebra a posição de professor como única forma de saber, deste modo:



As oficinas de arte, independentemente da linguagem, são uma opção bastante apropriada para a educação artística, uma vez que se definem pela produção em grupo, o que pode desestabilizar a posição do professor como única forma de saber, promovendo inteligência social e criatividade coletiva, na qual o professor é mais um do grupo, em papel de facilitador, orientador do trabalho expressivo (ORMEZZANO, 2006, p. 112 apud SANTOS e COUTINHO, 2008).

Os portadores de DMI devem estar motivados a apreciarem a dança, o que conforme Santos e Coutinho (2008), esta motivação está pautada nas ações de ver, criar e executar considerando a experiência de cada pessoa, desta forma há uma ressignificação do corpo singular, pois este está inserido em um grupo, e logo dialogando com mais corpos em movimento.

Ao dançar e se apresentar para uma plateia as crianças e adolescentes portadoras de DMI, se sentem vistos e principalmente se sentem conhecidos em sua personalidade, existindo uma possibilidade de integração pessoal espontânea e autêntica, além de interação com a comunidade escolar por meio das apresentações do grupo (MIRANDA e CURY, 2010).

Diante de tudo o que foi exposto até aqui, a dança entra em cena como um caminho para as crianças e adolescentes portadoras de DMI, pois podem apresentar um melhor desempenho emocional, físico e psicológico, ajudando-os a suportar e a vencer a sua deficiência, de tal forma que conheçam seu corpo e sua subjetividade, propiciando a integração com um determinado grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dança para crianças e adolescentes com DMI é algo de suma importância para o desenvolvimento destes, pois através dela o corpo e a mente passam a sentir novas sensações, novas emoções, descobrindo que possuem um corpo dançante que pode viver intensamente os movimentos e os ritmos da dança, contribuindo na melhora da autoestima de cada um, superando suas próprias limitações e construindo melhora do suporte psicológico e social.

É necessário compreender as atividades artístico-culturais como algo indispensável para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, especialmente aqueles que possuem necessidades especiais, trazendo ressignificações para estes sujeitos, devido ao fato de trabalhar os diversos sentidos e emoções do corpo.

Pode-se perceber que a maioria das escolas ainda não estão adequadas a receberem alunos com deficiências sejam, mentais e/ou físicas, contudo existe força de vontade de alguns educadores e principalmente professores de educação física para ajudarem pessoas com DMI na inclusão por



meio das atividades artísticas, sendo a dança um exercício fundamental, o qual além do desenvolvimento psicomotor do sujeito também ajuda na interação dele com as demais pessoas .

Entender que pessoas sejam portadoras de doenças mentais, de deficiência física ou de qualquer outra patologia, são efetivamente capazes de realizarem diversas atividades, desde que sintam-se felizes, com uma boa autoestima e bem consigo mesmo, compreendendo que são sujeitos de desejo e de gozo assim como todos os outros.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.A. **Apresentação e análise das definições de deficiência mental propostas pela AAMR – ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE RETARDO MENTAL DE 1908 A 2002.** Revista de Educação PUC- Campinas, Campinas, n. 16, p. 33-48, junho 2004.

ARCE, C.; DÁCIO, G.M. **A dança criativa e o potencial criativo: dançando, criando e desenvolvendo.** Revista Eletrônica Aboré Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo- Edição 03/2007

BRASIL, SEESP/SEED/MEC. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental.** Brasília/DF – 2007.

FERNANDES, R. C. **Vivências no ACDEF: uma análise da dança na inclusão social dos deficientes mentais/intelectuais - 2012**

LIMA, D. M et al. **Danças brasileiras e psicoterapia: um estudo sobre efeitos terapêuticos.** *Psic.: Teor. e Pesq.* 2011, vol.27, n.1, pp. 41-48. ISSN 0102-3772.

MACHADO, L.T. **Educação artística para a pessoa com deficiência numa perspectiva sociocultural: possibilidades para o conhecimento, 2012.**

MACIEL, L. de F. **Reflexões sobre a dança em cadeira de rodas, seus benefícios e contribuições na vida de deficientes físicos.** Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida - ISSN: 2178-7514 – v.1, n. 2, 2009.

MAIA, A.V. SÉRGIO, R. **A influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com síndrome de down.** Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 144-154, jul. 2008 ISSN: 1983 – 9030.

MARQUES, I.A. **DANÇANDO NA ESCOLA MOTRIZ - Volume 3, Número 1, Junho/1997 .**

MIRANDA, R.M.R.; CURY, V.E. **Dançar o adolescer: estudo fenomenológico com um grupo de dança de rua em uma escola.** Paidéiaset-dez. 2010, Vol. 20, No. 47, 391-400.

RUBBIO, K. **A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa.** Psicologia, Ciência e profissão, 1999, 19 (3) 60-69.

SANTOS, E.C. da M.; COUTINHO, D. M. B. **Pessoas com deficiência e dança: Uma revisão de literatura.** Pesquisas e Práticas Psicossociais 3(1), São João del-Rei, Ag. 2008.

THON, B.M.; CAMARGO, M.I.S. **Contribuições da psicologia corporal ao ensino da dança.** In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2012.

